

PREVER O FUTURO, ESCREVER SOBRE O PASSADO: A RECEPÇÃO DAS SIBILAS NA LITERATURA E NO CINEMA¹

Sarah Fernandes Lino de Azevedo²

Resumo: *Este artigo tem como objetivo discutir representações e referências às sibilas, mulheres que se dedicavam ao ofício da adivinhação na Antiguidade, em obras da literatura contemporânea e do cinema. Neste sentido, serão apresentadas e analisadas algumas representações de sibilas dentro do escopo da literatura do século XX, e do cinema dos séculos XX e XXI, com a finalidade de compreender as particularidades e a plasticidade da sibila, a conexão com o feminino e com a Antiguidade e sua presença na cultura da atualidade. Especial foco será dado na correlação entre a adivinhação, o feminino e a escrita.*

Palavras chaves: *Sibilas; Patriarcado; Agustina Bessa-Luís; Flora Rheta Schreiber.*

PREDICTING THE FUTURE, WRITING ABOUT THE PAST: THE RECEPTION OF SIBYLS IN LITERATURE AND CINEMA

Abstract: *This paper aims to discuss representations and references to sibyls, women who dedicated themselves to the craft of divination in Antiquity, in works of contemporary literature and cinema. In this sense, some representations of sibyls will be presented and analyzed within the scope of 20th century literature, and 20th and 21st century cinema, in order to understand the particularities and plasticity of the sibyl, the connection with the feminine and the Antiquity and its presence in nowadays culture. Special focus will be given to the correlation between divination, the feminine and writing.*

Keywords: *Sibyls; Patriarchy; Agustina Bessa-Luís; Flora Rheta Schreiber.*

¹ Recebido em 13 de maio de 2024 e aprovado em 18 de junho de 2024.

² Professora adjunta de História Antiga da Universidade Federal da Bahia (UFBA).
ORCID: 0000-0002-9920-4614.

Introdução³

Prever o futuro sempre foi uma preocupação da humanidade. É notável, ao longo do tempo, os vários esforços que foram no sentido do desenvolvimento de tecnologias para esta finalidade. A Meteorologia e a Astrologia, por exemplo, foram desenvolvidas para fornecer uma previsibilidade do comportamento do planeta e do ser humano. Dessa forma, esses dois saberes informam sobre as condições climáticas da Terra e sobre as condições temperamentais do ser humano, provendo dados sobre a conjuntura externa e interna da experiência humana.

Na Antiguidade, a adivinhação apresentava extrema importância, sendo uma atividade que fazia parte da cultura, da política e do cotidiano. Em várias sociedades que se desenvolveram no entorno do Mediterrâneo, a adivinhação era uma atividade reconhecida e controlada por leis, contando com aparatos burocráticos e arquitetônicos. A atividade da adivinhação movimentava um fluxo de informações, influenciando a tomada de decisões que afetavam desde o individual ao coletivo.

A relação entre a adivinhação e o feminino vem sendo explorada pela historiografia, que vem analisando suas particularidades. Montero, por exemplo, no livro intitulado *Deusas e Adivinhas: mulher e adivinhação na Roma Antiga*, analisa a relação entre a atividade da adivinhação e o feminino na Roma Antiga, apresentando os documentos disponíveis para o estudo da temática e as interpretações historiográficas. Montero destaca a questão da escrita associada à adivinhação feminina. Por exemplo, o autor aponta a relação entre a deusa Carmenta com os versos denominados *carmina*:

Suas profecias pertenciam à adivinhação natural ou inspirada e seus vaticínios chamavam-se carmina, termo latino que teve, inicialmente, o sentido de “oráculo” dado sob forma de estrutura

³ Registro aqui um especial agradecimento aos professores Fábio de Souza Lessa (UFRJ) e Cláudia Beltrão da Rosa (Unirio). Ao primeiro agradeço a supervisão de estágio de pós-doutorado realizado por mim, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o que me propiciou aprofundar no tema de pesquisa a respeito das Sibilas e dos Livros Sibílicos, e à segunda agradeço pelos encaminhamentos e incentivo em estudar o tema, fornecendo material bibliográfico especializado e adequado para o desdobramento da pesquisa. O desenvolvimento da pesquisa contou com apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

rítmica; assim, antes de que carmen tivesse o sentido de “canto” ou de “poema”, anunciava ou enunciava o destino do recém-nascido (Montero, 1998, p. 14)

Carmenta, dessa forma, seria a divindade, ou a profetisa, responsável por predizer o futuro, predecessora das sibilas na cultura romana. Carmenta protegia os partos e prenunciava o destino do recém-nascido. Carmenta era também conhecida por epítetos que relacionavam a procriação e a escrita do passado e do futuro. Os epítetos *Porrima* e *Postverta* aparecem em várias fontes (Ex.: Ovídio. *Fasti*, 633). Por vezes figuram como duas irmãs companheiras da divindade Janus, sendo que *Porrima* tinha a habilidade de cantar sobre o passado, e *Postverta* sobre o futuro. Os epítetos também aparecem relacionados aos dois tipos de partos: o parto pélvico, quando o bebê nasce pelos pés porque não houve a inversão dentro do útero, causando maior dor, e o parto com apresentação cefálica, quando o bebê nasce pela cabeça, mais usual e com menor dor. Cada uma das irmãs protegia um tipo de parto (Green, 2004, p. 289-290).

É notável, portanto, uma associação que envolve os atos de escrever e cantar com a produção do conhecimento a respeito da procriação. Atividades conectadas que revelam vários aspectos da atuação das mulheres em tempos longínquos. Transmitir o conhecimento das parteiras pela via escrita e pela via oral deveria ser uma preocupação fundamental. Um conhecimento acumulado pelas experiências do passado e que diz respeito ao futuro. Tal conhecimento, entretanto, não se trata de um saber restrito às técnicas procriativas e à ginecologia, tal como conhecemos hoje. É um saber que se insere na cosmogonia romana e deve ser contextualizado de acordo com os preceitos da cultura romana antiga.

A cultura desenvolvida na Roma Antiga associava as mulheres à adivinhação natural, considerando que muitas eram dotadas de uma capacidade premonitória. Por exemplo, vários são os episódios de matronas que previram o futuro de acontecimentos importantes da cidade, como demonstra, além do estudo de Montero, também o estudo de Mowat, intitulado *Engendering the Future: Divination and the Construction of Gender in the Late Roman Republic* (2021).

O reconhecimento da autoridade das sibilas é mais um indício dessa relação. As sibilas eram mulheres que tinham por ofício a atividade da adivinhação, sendo referenciadas na documentação advinda da Antiguidade

a partir da cidade da qual atuavam. Na literatura latina, a sibila aparece como uma mulher estrangeira, não residente em Roma. A sibila da cidade de Cumas é a sibila mais presente na documentação escrita de fins da República e início do Império Romano. A Sibila de Cumas aparece associada à escrita dos Livros Sibilinos, os quais eram conservados pelo Senado Romano e consultados, principalmente, em momentos de calamidade pública. Acredita-se que os Livros Sibilinos forneciam, além de oráculos, instruções para a decifração de prodígios, e indicava rituais e procedimentos para o restabelecimento da *pax deorum*. Somente sacerdotes autorizados (inicialmente dois, e depois quinze homens) poderiam consultar e interpretar os Livros Sibilinos. A presença dos Livros Sibilinos e sua instrumentalização evidenciam tanto o reconhecimento quanto a preocupação e o extremo controle da adivinhação feminina pelos romanos.

No período de Augusto há uma ênfase na associação entre os Livros Sibilinos e a Sibila de Cumas. Tal associação, como demonstra Gillmeister (2015), pode ser fundamentada na construção da identidade romana pautada na influência grega, muito evidente em documentos desta época que deixam transparecer as estratégias propagandistas de Augusto. A mítica Sibila de Cumas, que protagoniza, junto a Enéas, o canto VI da *Eneida* de Virgílio, é um exemplo dessa associação. A sibila da *Eneida* é retratada como uma fusão entre a pítia, sacerdotisa do deus Apolo, com uma tradicional profetisa sibila. A pítia é conhecida por incorporar o deus Apolo, em um ritual de adivinhação induzido por drogas (inaladas e/ou ingeridas), sendo capaz de falar em nome de Apolo durante o transe. A pítia era acompanhada de sacerdotes que transcreviam suas falas emitidas no transe. Já a sibila era uma adivinha mais associada à adivinhação natural e à escrita autoral⁴. Estes dois tipos de adivinhas, portanto, são mescladas e representadas em fusão em algumas obras da literatura latina. Essa fusão, como se verá adiante, está presente na recepção das sibilas na literatura contemporânea. Nos casos de recepção que serão analisados a seguir, a figura da sibila é utilizada para explorar aspectos históricos do patriarcado, além de servir como paradigma no desenvolvimento da psiquiatria.

⁴ Para saber mais sobre as Sibilas e os Livros Sibilinos na Roma Antiga, ver: Azevedo (2024).

As sibilas da literatura contemporânea

Analisaremos brevemente duas obras da literatura contemporânea: *A Sibila*, de Agustina Bessa-Luís, e *Sybil*, de Flora Rheta Schreiber. A primeira é uma obra de literatura portuguesa, datada de 1954, e a segunda, de literatura estadunidense, datada de 1973.

A Sibila, de Agustina Bessa-Luís, é a obra mais famosa desta autora, sendo um romance reconhecido como uma das cem melhores obras de literatura portuguesa das últimas décadas. Ainda como manuscrito, em 1953, o livro ganhou o Prêmio Delfim Guimarães, aclamado pelo júri. No ano seguinte, ano de seu lançamento, em 1954, foi agraciado com o Prêmio Eça de Queirós. Aidar (2003, p. 16), em estudo sobre a obra, destaca:

O indiscutível relevo atribuído a esse romance deve-se, sobretudo, ao interesse que tem despertado em críticos e estudiosos, portugueses ou não, pelo que a obra apresenta de estilo específico ou singular, evidenciando a abertura de novos caminhos na ficção portuguesa. A Sibila abre espaço para uma nova óptica romanesca, – a do olhar crítico da mulher que põe em questão as antigas estruturas sociais, principalmente no que diz respeito às relações homem-mulher.

A obra *A Sibila*, portanto, é um romance que, como muitos outros, busca colocar em evidência e em discussão as estruturas patriarcais das sociedades contemporâneas. Entretanto, inaugura a temática no campo da ficção na literatura portuguesa. O livro também demonstra originalidade pela erudição da autora, que faz uso de referências da Antiguidade Greco-romana para a composição da trama. O nome “sibila”, no livro, se refere à personagem Joaquina Augusta, conhecida como Quina, a qual apresenta a habilidade de prever o futuro. Aidar fornece a seguinte síntese da obra:

Trata-se da saga do clã familiar dos donos da Casa da Vessada e propriedade (Quinta) inserida num certo extrato cultural de uma região do norte de Portugal. Da destruição à reconstrução da casa, a narração desenvolve os acontecimentos determinantes disto, assim como o comportamento dos elementos da família para a recuperação do patrimônio, sobretudo, a atuação do clã de mulheres, tendo em Joaquina Augusta (Quina), a Sibila, a heroína do romance, e a que dá título à obra. Simultaneamente vão-se desenvolvendo histórias

paralelas, onde Quina e uma multidão de personagens secundárias, especialmente familiares da protagonista, atuam em cenários interiores e exteriores, ressaltando a imagem de uma sociedade rural, em um universo fechado. E é nesta atmosfera da aldeia onde vive Quina, em que todos os homens da casa são tidos como irresponsáveis e inúteis, sobressaindo um clã de mulheres, responsável e objetivo, que as personagens se cruzam na narrativa, contribuindo para definir Quina (Sibila e boa administradora) como personagem central. O romance não tem conclusão; o suspense final com reticências faz de A Sibila um romance aberto (Aidar, 2003, p. 18).

O livro de Agustina Bessa-Luís, portanto, focaliza as mulheres e evidencia as complexidades do patriarcado. Vítimas, mas também agentes na estrutura patriarcal, as mulheres reafirmam e subvertem a ordem. A narrativa de Bessa-Luís evidencia o conflito entre aceitação, recusa e estratégia em período de transição entre opressão e emancipação, demonstrando um patriarcado decadente. A casa é colocada como central e como fonte vital do grupo familiar. O trecho a seguir demonstra o teor da obra:

E, naquele lar em que o chefe aparecia apenas para ser servido, para aceitar a escolha do melhor bocado e a servidão feliz de todos os que levavam afinal o fardo das monótonas canseiras, Quina recolhia com gratidão a deferência que o pai, tão admirável, tão estranho, tão difícil, lhe insinuava. O amor por ele tornou-se devoção. Ele cortejava-a profundamente, de resto, como usava fazer com todas as mulheres sem excluir as filhas, incapaz de rispidez perante elas, domado por aquele sortilégio de saias, de vozes cantantes, de risos e meneios, de nervosismos lacrimosos e doces tiranias do instinto (Bessa-Luís, 1954, p. 25).

A trama do romance é baseada na reconstrução da casa onde vivia a protagonista Quina, a Casa da Vessada. Esta casa tinha relação com outras casas, relembrando a estrutura política da República Romana. As alianças entre as casas se dão, essencialmente, pelo casamento. Quina, entretanto, não se casa. A narrativa é focada nesta personagem, enquanto as personagens secundárias vão aparecendo e desaparecendo em função da relação com a protagonista. O fato de Quina não se casar revela outro ponto de contato com o mundo antigo, uma vez que as sibilas da Antiguidade também

eram conhecidas pelo celibato e pela ausência de prole. Não se casavam e ficavam grávidas apenas de forma figurativa, pois ficavam grávidas dos livros que escreviam.

Em *A Sibila*, Quina é descrita da seguinte forma pela autora:

No entanto, era Quina a primeira a auscultar uma conduta estranha, um gesto, uma palavra que se não previram, um passo que fugiu do equilíbrio, uma decisão falhada, uma razão que sofreu um súbito recontro e daí surgiu o inesperado. O imponderável nas criaturas era para ela motivado pela influência de espíritos favoráveis ou malignos, sombras manifestas do além. Mercê dum sentido finíssimo para se embrenhar nos fenómenos da natureza, humana ou simplesmente do meio vital, com os seus elementos, suas causas e efeitos, depressa adquiriu uma sabedoria profunda acerca de todos os ritmos da consciência, do instinto, das forças telúricas que se conjugam no fatalismo da continuidade. Conhecia os homens sem o aprender jamais. Sabia, uma por uma, qual a reação que correspondia a determinado tipo, perante determinado facto. Adivinhava-lhes os pensamentos, mesmo antes de ela os poder raciocinar. Um sorriso fazia-a pôr-se em guarda, assim como uma aranha que tecia a sua teia duma folha a outra dum pé de malva a decidia a mandar espalhar o grão na eira, ou os carolos de milho ainda húmidos da debulha. Como o que distingue para lá das montanhas qual a sombra de fumo, de pó ou de nuvem; como o que na floresta conhece o rasto do animal em tempo de caça ou tempo de amores; como o que aspira no vento o perigo, como o que pressente na atmosfera a confiança ou a traição, assim ela vivia, intensamente adaptada com essa capacidade selvagem de defesa, de astúcia, de previsão e pré-conhecimento da vida e das coisas e que o homem civilizado, unido em rebanhos pacíficos, amparado em convenções artificiais, vai perdendo ou nunca desenvolve por completo. Simples era, portanto, para ela atingir uma ascendência espiritual sobre todos aqueles para quem essas qualidades inatas só poderiam significar símbolos de magia. Aos poucos, ela foi ganhando títulos de adivinha, de mulher de virtude, que nunca repudiou completamente, ainda que lhe repugnasse ser equiparada a qualquer explorador de ingenuidades brancas. Acima de tudo,

Quina nunca soube até que ponto a sua condição espiritual era poderosa. Agiu sempre num plano bastante medíocre de vaidade e pura ternura para tudo quanto lhe parecia informemente criado e existindo num estado temporário de imperfeição, ternura esta tão grande quanto o seu desprezo, porque tudo quanto ela amava – todas as criaturas, todas as formas, os mistérios, a própria beleza – lhe parecia longe e diferente do que ela teria desejado. O amor é um estado de lucidez e de vidência. Aquele que ama é implacável; e só as almas mornas e indiferentes encontram no seu semelhante uma justificação de misérias fraternas e, perdoando-lhe, exigem o seu próprio perdão (Bessa-Luís, 1954, p. 56-57).

Quina é uma mulher fixada na terra, na aldeia, na casa. Está integrada na natureza e na vida doméstica, duas ordenações que se mostram como cosmogônicas e assimiladas. Bessa-Luís, desta forma, demonstra tradições portuguesas que se embasam em saberes pagãos e cristãos amalgamados. No universo rústico e rural onde Quina está inserida, existe o mistério, como sempre existiu, mas ela o domina, por estar totalmente integrada e conectada ao meio. Esta outra parte do texto elucida a natureza da personagem:

Estranha a fusão que ela fazia do real e do inumano! Nem um instante a sua razão esquecia um interesse, fosse de cifras, fosse de respeitabilidade e de convenção; e, a par desta ávida homenagem ao mundo, estava a integração profunda na mais subjectiva originalidade, a entrega das suas forças morais a um infinito espiritual que não admitia impenetrável, mas tão acessível como para si era a terra. “Há mistérios – dizia –, mas não para mim. Há Deus, mas é ele que me procura.” (Bessa-Luís, 1954, p. 180)

Na tese de doutorado intitulada *O lastro mítico subjacente ao sistema patriarcal português no romance A Sibila de Agustina Bessa-Luís* (2003), a autora, Aidar, explora aquilo que denominou como “lastro mítico” na narrativa de *A Sibila*. Aidar argumenta que o emaranhamento entre mito e místico se apresenta como um fio condutor na narrativa. Um fio condutor que, segundo Aidar, busca colocar em evidência a relação entre homem e mulher da forma como estabelecida, consciente e inconscientemente, durante os séculos XIX e XX em Portugal (Aidar, 2003, p. 142). Este fio condutor também busca, ao mesmo tempo, destacar as raízes históricas do patriarcado, a partir

de referências ao mundo antigo. A referência mais explícita está no próprio nome do romance, alcunha da protagonista. Bessa-Luís, desse modo, procura exaltar a potência do feminino, que estaria presente tanto na materialidade da organização doméstica, quanto na conexão da mulher com a natureza. Nessa perspectiva, a potência do feminino teria sido reconhecida na Antiguidade e, por ter sido reconhecida, foi considerada uma ameaça. O patriarcado, neste sentido, foi paulatinamente instalado como forma de conter a ameaça.

A sibila de Bessa-Luís incorpora a potência geradora da mulher, que se manifesta para muito além da maternidade. Esta potência se relaciona também com a capacidade administrativa das mulheres, que gerenciam os bens materiais e, com êxito, deles retiram a subsistência e os fazem proliferar. Assim, Aidar indica que Bessa-Luís:

Transforma a protagonista Quina, que não se casa, em Sibila, que, embora uma simples Sibila de aldeia, se impõe no ambiente de crenças e de superstições de criaturas ingênuas e singelas. Aproxima Quina/Sibila das Sibilas antigas, que com suas profecias são transformadas em mãe do futuro, uma outra forma de maternidade. E a sua capacidade de oferenda, de conduzir com talento o patrimônio dissipado pelo pai, de acrescentá-lo, “proliferá-lo”, consubstancia-se no mistério gerador feminino (Aidar, 2003, p. 143).

Neste sentido, as mulheres são situadas como aquelas que guardam e administram os bens comuns do grupo familiar, essenciais para a sobrevivência. Mas, ainda mais essenciais são as próprias mulheres, que, além de serem guardiãs dos bens materiais, são também guardiãs de uma sabedoria que vincula passado e futuro. Uma sabedoria tida como simplória, mas que é significativamente importante porque diz respeito ao domínio da natureza e que respalda na procriação e na alimentação, dois quesitos imprescindíveis para a sobrevivência da espécie humana.

Em uma tradicional e hipotética divisão do trabalho pautada em modelos patriarcais, o homem seria o provedor e o proprietário, responsável pela administração dos bens materiais, enquanto à mulher caberia a tarefa de guardar e manter os bens, principalmente por meio da manutenção da rotina doméstica. Entretanto, a narrativa de Bessa-Luís demonstra uma realidade relativamente comum, a de mulheres que administram os bens, além de manter a rotina do lar.

A autora destaca a capacidade exitosa das mulheres no gerenciamento dos bens e do lar devido à relação entre feminino e futuro. Administrar a rotina do lar inclui prever rotineiramente o futuro, à medida que os afazeres domésticos vão no sentido de se preparar constantemente para o futuro próximo: adquirir alimentos, administrá-los de acordo com a perecibilidade, cozinhar os alimentos perecíveis, lavar as roupas antes que todas estejam sujas, prever as necessidades das crianças e de outros membros do grupo... etc. Tal previsão pode ser situada como aquilo que hoje se denomina “carga mental”, termo utilizado para denunciar a sobrecarga das mulheres no mundo atual, regido pelo capitalismo, que atribui às mulheres duplas e triplas jornadas de trabalho.

Desse modo, o feminino se encontra constantemente relacionado ao futuro, enquanto o masculino se relaciona com o agora. Na mulher está o fixo, a estabilidade, porque detém o fluxo do tempo. A relação das mulheres com o futuro também é destacada, na narrativa de Bessa-Luís, por meio da maternidade. Ao gerar vida, a mulher garante o futuro do grupo familiar. Nas palavras de Aidar: “E enquanto o homem representa o momento da história, a mulher, a sucessão de gerações. Desta feita o homem encarna o valor eterno do instante e a mulher, o curso infinito das gerações” (Aidar, 2003, p. 144).

Repleto de referências à cosmogonia greco-romana, o romance de Bessa-Luís tem como ponto de partida o caos, instaurado pelos homens da família. A ordem reinstaurada a partir do caos é uma ordem feminina, que se dá depois que a casa é tomada pelo fogo. O romance começa com as frases:

Há uma data na varanda desta sala – disse Germana – que lembra a época em que a casa se reconstruiu. Um incêndio, por altura de 1870, reduziu a ruínas toda a estrutura primitiva (Bessa-Luís, 1954, p. 7).

O fogo, aponta Aidar, apresenta o simbolismo da purificação e da regeneração (2003, p. 38). A partir da emergência de um clã feminino, a Casa da Vessada ressurgiu das cinzas, renasce e prospera.

Impossível não traçar paralelos entre *A Sibila* e as recentes e já consagradas obras do autor baiano Itamar Vieira Junior. Em *Torto Arado* (2019) e *Salvar o Fogo* (2023), Vieira Junior nos apresenta duas histórias interco-

nectadas. Em ambos os romances, o autor focaliza a força das mulheres em sobreviver em mundos caóticos, permeados por violência. São obras de ficção baseadas tanto na vivência quanto em estudos etnográficos realizados pelo autor. As histórias se passam em regiões do interior da Bahia, e, tendo mulheres como protagonistas, mostram o amálgama do encontro entre cultura portuguesa, africana e indígena no Brasil, mescladas pela convivência diária de povos díspares destinados ao projeto de colonização.

Os livros de Vieira Junior dialogam com outras obras da literatura portuguesa e brasileira, sendo, ao mesmo tempo, representantes de uma tradição literária embebida pela intertextualidade. O místico também se apresenta nos livros deste autor, entrelaçado no encontro de culturas, evidenciando saberes de três continentes diferentes: América, África e Europa. Um místico que é singularmente brasileiro, mas conectado a territórios ultramarinos.

A segunda obra a ser analisada neste artigo é *Sybil*, de Flora Rheta Schreiber, publicada quase vinte anos depois da obra de Agustina Bessa-Luís, em 1973, nos Estados Unidos. *Sybil* conta a história de uma mulher real, chamada Shirley Adell Mason. *Sybil* é utilizado como pseudônimo de Shirley, para proteger sua real identidade e privacidade. Shirley Mason foi diagnosticada com Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI). O caso de Mason se tornou emblemático para a psicanálise, contribuindo para o desenvolvimento do diagnóstico deste transtorno específico.

A autora, Flora Rheta Schreiber, foi uma jornalista estadunidense e professora na John Jay College of Criminal Justice, da The City University of New York. *Sybil* foi o livro mais vendido e mais famoso entre os quatro livros publicados por Schreiber. A obra foi escrita a partir das gravações em fita cassete das sessões de terapia de Mason, pela psiquiatra Cornelia Burwell Wilbur. *Sybil* tem por subtítulo: *The true story of a woman possessed by 16 separate personalities*. O nome completo do pseudônimo adotado na escrita do livro é Sybil Isabel Dorsett.

O pseudônimo *Sybil* foi escolhido devido a uma característica notável do diagnóstico: a ausência da personalidade principal da paciente. Mason apresentava dezesseis personalidades distintas. Algumas personalidades demonstravam terem consciência da existência de outras e se comunicavam, enquanto algumas se manifestavam isoladamente. A personalidade principal da paciente sofria de ausência quando outras personalidades se manifestavam. Como consequência, Mason apresentava lapsos de memó-

ria, sendo incapaz de recordar os eventos ocorridos enquanto outras personalidades assumiam o controle de seu corpo. O nome Sybil, portanto, faz uma alusão à Pítia, do Oráculo de Delfos. A Pítia, sacerdotisa do deus Apolo, era uma mulher que se ausentava do próprio corpo para dar lugar ao deus, incorporando-o, sendo então capaz de falar por ele.

Nota-se, portanto, a fusão entre Pítia e Sibila, fusão presente na literatura latina e que reverbera na recepção dessa literatura na atualidade. Sybil, por sua vez, remete à *Sibyl*, palavra da língua inglesa para “Sibila” (em latim *Sibylla*). A troca das letras i e y foi realizada para criar uma marca própria, e de fato se tornou uma marca registrada bastante rentável. O livro *Sybil* se transformou em um fenômeno nos EUA. Depois de sua publicação, em 1973, o livro atingiu, dentro de quatro anos, o número de seis milhões de cópias vendidas somente nos EUA. Em 1976, o livro ganhou uma adaptação para a televisão, intensificando sua popularização. A partir de então se criou uma tradição de referências à *Sybil* na literatura e no cinema, como parte do fenômeno que teve por início a publicação da obra original, em 1973.

Sybil fez parte de uma onda de livros publicados nas décadas de 1960 e 1970 sobre casos de psiquiatria envolvendo mulheres. Em 2023, o livro completou cinquenta anos, e ganhou uma reportagem na sessão de crítica literária do *The New York Times*, intitulada “Even after debunking, ‘Sybil’ hasn’t gone away”. A reportagem destaca que o livro, cinquenta anos depois de seu lançamento, continua sendo reimpresso e vendido, mesmo depois de a história ter sido desacreditada. O descrédito gira em torno de uma polêmica sobre o livro, que coloca sua veracidade em questão.

O livro foi escrito por Schreiber em colaboração com a psiquiatra Wilbur e com a própria Mason. A identidade de Mason foi mantida em sigilo até a sua morte, em 1998. Schreiber faleceu uma década antes, em 1988. Antes de sua morte, Schreiber determinou que os papéis e gravações utilizados para a escrita de *Sybil*, muitos cedidos por Wilbur e pela própria Mason, fossem arquivados na biblioteca do John Jay College of Criminal Justice. Wilbur, por sua vez, faleceu em 1992. Entre 1988 e 1998, a biblioteca manteve os arquivos em sigilo. A partir da revelação da real identidade de Sybil, Schreiber, Wilbur e a própria Mason, começaram a ser acusadas de terem criado uma fraude.

A acusação partiu de dois psiquiatras, Robert Rieber e Herbert Siegel. O primeiro era um colega de Schreiber, no John Jay College of Criminal

Justice, e o segundo foi um psiquiatra, famoso especialista em hipnose, que também tratou Mason, de forma concomitante com Wilbur, por cerca de quatro anos. Rieber e Siegel acusam Wilbur de plantar memórias na paciente, com o objetivo de forjar o diagnóstico de múltiplas personalidades, e defendem que Mason sofria de histerismo. Entretanto, os métodos dos dois psiquiatras para a identificação do diagnóstico de histeria, refutando o de múltiplas personalidades, foram questionados, e suas acusações consideradas infundadas, uma vez que o caso de Mason entrou para a história da psiquiatria sendo considerado um dos mais notáveis já registrados e referência no desenvolvimento do diagnóstico até hoje. Além disso, Wilbur ganhou reconhecimento ao ter conseguido curar Mason. Por meio de terapia, medicamentos e hipnose, ela fez com que as múltiplas personalidades da paciente fossem unificadas. Rieber e Siegel também parecem ter ficado descontentes com as mudanças de fatos e características da vida de Mason na escrita de Schreiber, com a finalidade de preservar a privacidade da paciente e também com objetivo de tornar o livro mais atraente seguindo os moldes do mercado editorial.

Em 2011, Patrick Suraci, amigo próximo de Mason, publicou o livro *Sybil in her own words: the untold story of Shirley Mason, her multiple personalities and paintings*. O livro traz uma biografia de Mason, demonstrando detalhes sobre a carreira dela como professora e artista. O livro apresenta, inclusive, as pinturas feitas por Mason, que demonstram estilos diferentes, atestando suas múltiplas personalidades. O trabalho de Suraci traz detalhes sobre a relação de Mason com a mãe, uma vez que se considera que a origem das múltiplas personalidades desenvolvidas por ela era resultado de violências sofridas na infância, cometidas pela própria mãe. Para sobreviver aos abusos, Mason foi adotando identidades múltiplas, de forma inconsciente ou consciente. Por exemplo, uma das identidades extravasava a raiva contida, na medida em que a identidade da personalidade central não poderia manifestar esse sentimento diante da mãe. Múltiplas personalidades foram sendo criadas como estratégia de sobrevivência.

No mesmo ano, em 2011, a jornalista Debbie Nathan publicou o livro *Sybil exposed: the extraordinary story behind the famous multiple personality case*. O livro de Nathan alega que Schreiber, Wilbur e Mason criaram a personagem Sybil com fins lucrativos. A polêmica em torno da falsidade do diagnóstico coloca em questão os métodos adotados por Wilbur. Nessa perspectiva, a psiquiatra é acusada de ter plantado memórias em sua pa-

ciente, com a finalidade de forjar um diagnóstico. Wilbur também teria influenciado Mason a se tornar adicta de drogas recomendadas para o tratamento, criando uma situação de dependência, vinculando a paciente a ela mesma de forma quase permanente.

Ainda depois do livro de Nathan, foi publicado, em 2013, o livro *After Sybil... From the Letters of Shirley Mason*, de Nancy Preston, que teria sido aluna de Mason, na escola de artes Ohio's Rio Grande College. Preston, em seu livro, oferece excertos de cartas escritas por Mason, alegando ter sido sua confidente por 28 anos. Preston afirma ter guardado o segredo sobre Shirley ser Sybil, depois da própria Shirley ter dito a ela: "I'm Sybil".

Toda a produção literária sobre Shirley Mason, portanto, gira em torno do quanto há de veracidade e de ficção na obra originária *Sybil*. Quem foi Shirley Mason e qual a sua real biografia? Schreiber e Wilbur fabricaram uma *Sybil*? Interessante notar que, no século XX, uma *Sybil* cheia de mistérios ressurgiu a partir de uma mulher real.

As sibilas no cinema

Como já mencionado, o livro *Sybil* foi adaptado para a televisão e transmitido, com grande repercussão, em 1976. O filme, intitulado de forma homônima ao livro, tem mais de três horas de duração e foi projetado para ser transmitido em duas sessões na televisão. Uma versão mais reduzida foi transmitida em cinemas. O filme estrela Sally Field como Sybil, a qual foi agraciada com o Emmy Awards de melhor atriz pela atuação. Em 1985, a banda de rock Tears for Fears lançou o álbum *Songs from the big chair*, inspirado no filme.

Uma nova adaptação foi lançada em 2007, portanto depois da morte de Mason, Wilbur e Schreiber. Neste filme, também intitulado *Sybil*, a atriz Tammy Blanchard interpreta Sybil, e Jessica Lange interpreta Wilbur. O filme traz um novo tom, atualizando a história em torno de Shirley Mason, uma vez que é gravado depois da revelação da real identidade de Sybil. Alinhando as polêmicas surgidas principalmente depois da revelação, o filme demonstra uma perspectiva feminista. Tal perspectiva se apresenta na medida em que sutilmente aborda a polêmica que envolve Rieber e Siegel, que refutaram o diagnóstico de múltiplas personalidades proposto por Wilbur e defenderam o diagnóstico de histeria. No filme, a refutação

aparece como clássico sintoma do patriarcado, com homens defendendo uma autoridade intelectual e paternalista, questionando o trabalho e a capacidade de uma mulher e insistindo no rótulo do histerismo.

Em 2019, é a vez de o cinema francês apresentar uma releitura de *Sybil*. Neste ano, é lançado o filme *Sibyl*, que retoma a grafia original da palavra “sibila” em língua inglesa. O filme foi dirigido por Justine Triet, conhecida por ter vencido a Palma de Ouro no Festival de Cinema de Cannes em 2023, e ter recebido o Oscar de Melhor Roteiro Original pelo filme *Anatomia de uma queda*. Triet, em seus filmes, vem focalizando personagens femininas em tramas que envolvem crimes e relações amorosas tumultuadas, explorando as relações de gênero na contemporaneidade.

É frequente, nos filmes desta diretora, uma ênfase na questão da escrita. Reflexões sobre o ato de escrever estão presentes em seus filmes. Em *Sibyl*, a questão da escrita se apresenta na decisão da psicanalista, protagonista do filme, de nome Sibyl, em parar de atender clientes para se dedicar à escrita e investir seu tempo na redação de um livro. Nota-se que no filme de Triet há uma inversão, sendo a psicanalista nomeada Sibyl, e não a paciente. Entretanto, Sibyl, interpretada por Virginie Efira, não alcança total êxito em seu plano porque não consegue negar atendimento a uma paciente, Margot, interpretada pela famosa Adèle Exarchopoulos. Associando o atendimento de Margot à escrita, Sibyl decide escrever seu livro se baseando na dramática vida de Margot, uma atriz que, durante as filmagens de um filme, se envolve com o ator com quem contracena um par romântico. O filme explora os limites entre realidade e ficção, em uma trama recheada de referências à *Sybil*, e com foco na questão da ausência de personalidade. A própria protagonista, Sibyl, luta para se manter sóbria, vindo de uma família com histórico de problemas com álcool, o qual é situado como uma substância que induz à ausência da personalidade principal. A paciente, Margot, é uma atriz de comportamento instável e intenso, que desenvolve uma relação de dependência com a psicanalista Sibyl. Margot dramatiza a própria vida, devido ao fato de ser atriz e trabalhar de forma incessante, tem dificuldades em identificar e dissociar o que é ficção e realidade. As duas personagens, portanto, enfrentam o desafio de se encontrar diante de situações que propiciam a ausência.

Na produção de Triet, a escrita também é situada como algo que propicia uma ausência subjetiva. O filme se inicia com um diálogo entre Sibyl

e um amigo escritor, que a aconselha ao tomar conhecimento da escolha dela em parar de atender clientes para se dedicar à escrita. O diálogo gira em torno do ato de escrever ser uma forma de se ausentar de si próprio, preencher a mente e incorporar outros.

Considerações finais

As sibilas presentes nos documentos advindos da Antiguidade se encontram referenciadas na literatura e no cinema dos séculos XX e XXI. Essas referências demonstram a plasticidade das representações e as particularidades de sua recepção, sendo utilizadas para enaltecer o feminino e traçar críticas ao patriarcalismo de sociedades atuais, como faz Bessa-Luís, ou para auxiliar no desenvolvimento da psiquiatria e da psicanálise, como mostra a obra de Schreiber e suas reverberações no cinema.

Há, ainda, outras sibilas na literatura e no cinema contemporâneo, como, por exemplo, a personagem Sibila Trelawney, da saga *Harry Potter*. Sibila Trelawney é professora de adivinhação, e sua personagem foi construída fazendo referências diretas às sibilas da Antiguidade. Uma análise sobre esta personagem demandaria outro estudo, portanto ela não foi contemplada neste texto, uma vez que, devido aos limites impostos pela escrita de um artigo, optou-se pelo recorte centrado nas duas obras, de Bessa-Luís e Schreiber, e nas repercussões da obra de Schreiber no cinema.

Bessa-Luís e Schreiber, assim como as sibilas, investiram na escrita como forma de libertação, de afirmação e de resistência. *A Sibila* de Bessa-Luís mostra uma personagem baseada nas sibilas da Antiguidade, com objetivo de enfatizar a potência feminina pela conexão da mulher com a natureza, sua compreensão do cosmos, poder gerador e capacidade administrativa. Por outro lado, *Sybil*, de Schreiber, faz referência às sibilas da Antiguidade para evidenciar a questão da ausência de personalidade, enfatizando a habilidade da incorporação de outras personalidades, e a capacidade da sibila em ser muitas ao mesmo tempo.

Documentação escrita

BESSA-LUÍS, Agustina. *A Sibila*. Lisboa: Guimarães Editores, 2009.

OVID. *Fasti*. Transl. James G. Frazer. Cambridge: Harvard University Press/Loeb Classical Library, 1931.

SCHREIBER, Flora Rheta. *Sybil*. Chicago: Henry Regnery Company, 1973.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. Luís M. G. Cerqueira, Cristina A. Guerreiro e Ana Alexandra T. L. Alves. Lisboa: Bertrand Editora, 2013.

Filmes

SIBYL. Direção de Justine Triet. Les Films Pelléas *et al.* Paris: Le Pacte, 2019.

SYBIL. Direção de Daniel Petrie. Lorimar Productions. Califórnia: Warner Bros, 1976.

SYBIL. Direção de Joseph Sargent. Produção de Michael Mahoney. Califórnia: Warner Bros, 2007.

Referências bibliográficas

AIDAR, Sálua Jorge. *O lastro mítico subjacente ao sistema patriarcal português no romance A Sibila de Agustina Bessa-Luís*. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa), Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

AZEVEDO, Sarah F. L. Mulheres que escreviam para a eternidade: a tradição sibilina na Roma Antiga e sua presença no Brasil. In: CAVICCHIOLI, Marina R.; SILVA, Semíramis C.; AZEVEDO, Sarah F. L. (orgs.). *Gênero e Poder na Antiguidade Clássica: perspectivas brasileiras*. Porto Alegre: Editora Fi, 2024, p. 218-252.

GILLMEISTER, Andrzej. Cultural Paraphrase in Roman Religion in the age of Augustus: the case of the Sibyl and the Sibylline Books. *Acta Ant. Hung.*, n. 55, p. 211-222, 2015.

GREEN, Steven J. *Ovid, Fasti I: a commentary*. Leiden/Boston: Brill, 2004.

JACOBS, Alexandra. Even after debunking, “Sybil” hasn’t gone away. *The New York Times*, New York, 28 May 2023. Critic ‘s Notebook. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/05/28/books/sybil-50th-anniversary.html>. Acesso em: 11 maio 2024.

MONTERO, Santiago. *Deusas e Adivinhas: mulher e adivinhação na Roma Antiga*. Trad. Nelson Canabarro. São Paulo: Ed. Musa, 1998.

MOWAT, Chris. *Engendering the Future: Divination and the Construction of Gender in the Late Roman Republic*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2021.

NATHAN, Debbie. *Sybil exposed: the extraordinary story behind the famous multiple personality case*. New York: Free Press, 2011.

PRESTON, Nancy L. *After Sybil...* From the Letters of Shirley Mason. Lancaster: Infinity Publishing, 2013.

SURACI, Patrick. *Sybil in her own words: the untold story of Shirley Mason, her multiple personalities and paintings.* New York: Abandoned Ladder, 2011.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto Arado.* São Paulo: Todavia, 2019.

_____. *Salvar o Fogo.* São Paulo: Todavia, 2023.